

NOSSOS MESTRES

"Os alunos precisam ser mais felizes"

Professora da educação especial, Mariany Matos leva a arte como ferramenta de transformação e evolução de alunos com deficiência e do espectro autista

» MARIANA NIEDERAUER

A professora Mariany Matos dos Santos, 46 anos, é uma potência. Dançarina, artista, apaixonada pela educação. Herdeira de uma geração de educadoras, transformou o ofício em arte e se agarra tanto à força ancestral que carrega em suas veias quanto à evolução de seus alunos para seguir numa carreira tão desafiadora. Mary, como é conhecida, constata a evolução do magistério desde que sua mãe, uma experiente alfabetizadora de Brasília, começou a trabalhar. Mas observa que a necessidade de valorização da categoria persiste, e mantém a luta por melhores condições de trabalho a todos os docentes da cidade e do Brasil.

Há 24 anos concursada da Secretaria de Educação do DF, Mary leciona no Centro de Ensino Especial 1 do Guará. Em sua sala de aula, as conquistas de cada aluno com deficiência ganham significado especial, destacando-se nas obras de arte nas paredes ou num simples gesto que antes era impossível de se ensaiar.

"Eu quis me transformar em professora de artes porque gostava muito de pintura. Como minha mãe foi professora, eu tinha muita liberdade para isso. Na casa da minha avó, em Paracatu (MG), eu explorava o ambiente, gostava de decoração", relembra Mary sobre o motivo de ter escolhido a carreira e a especialização em artes. No quintal dessa mesma casa na cidade de Minas Gerais,

Khalil Santos/CB/D.A. Press



Mariany herdou da mãe e das tias o talento para lecionar e há 23 anos atua na educação especial

a casinha de brincar que o tio construiu era outro refúgio para a criatividade da criança agitada e cheia de imaginação.

A inspiração para lecionar veio de várias fontes: mãe, tias e professoras da educação infantil. A matriarca, Célia Matos dos Santos, hoje com 72 anos, foi alfabetizadora por 25 anos, na M Norte, em Taguatinga, e no Guará. "Foi muito incentivador e estimulante", conta a professora, que lembra de reproduzir o aprendizado nas brincadeiras, dando aulas até para as bonecas. "Sempre fui muito expansiva. Eu podia criar e recriar o que quisesse. Minha mãe brincava muito comigo de boneca", recorda-se, com carinho.

Filha de pai preto, José Carlos, e de uma família afrodescendente de Paracatu, ela carrega essa herança com orgulho e conta que a liberdade concedida em casa, de poder ser o que quisesse, a protegeu de viver o preconceito. "Eu danço, já fiz balé, jazz", elenca.

Dona Célia é só orgulho da filha. "Ela é uma professora bem dedicada, como eu fui. Eu a criei estudando, tinha horário para tudo: estudar, brincar, dormir", conta a matriarca sobre a rotina regrada. Durante o período em sala de aula, chegou a ser agraciada com prêmio de melhor alfabetizadora do Distrito Federal e, como recompensa, ganhou um curso na Universidade Católica. "Eu amava ser professora. Eu amo essa profissão", reforça Célia, que agora tem a filha única como grande companheira. "E cozinha muito bem!", revela a mãe coruja.